

MARCAS GRAMATICAIS DE INTERATIVIDADE EM CARTAS AO LEITOR

Amanda Jôse Dantas Silva*
(PIBIC-CNPQ/UFPE)

Resumo:

Esta pesquisa tem como objetivo investigar as marcas gramaticais existentes no gênero carta ao leitor que evidenciam a interatividade entre os interactantes do discurso, tentando comprovar a tese de que o diálogo não se restringe à fala, mas é um fato abundantemente presente nas duas modalidades da língua, oral e escrita.

Não consulte dicionários. Casmurro não está aqui no sentido que lhes dão, mas no que lhe pôs no vulgo de homem calado e metido consigo. Dom veio por ironia, para atribuir-me fumos de fidalgo. Tudo por está cochilando! Também não achei melhor título para minha narração; se não tiver outro daqui ao final do livro, vai este mesmo.
(Machado de Assis, 1899: p.13)

Quando Machado de Assis emprega no enunciado “*Não consulte dicionários*” o verbo na 2ª pessoa (referindo-se a um possível leitor), passa a estabelecer um diálogo entre o narrador onisciente, aquele que tudo sabe e tudo pressupõe, e o seu público leitor. Este é um fato presente há séculos na literatura mundial. Estas marcas gramaticais no texto servem como elementos que sinalizam a interação entre os interactantes do discurso, o que faz comprovar a tese geral do dialogismo, ou seja, quando se escreve para um alguém previamente desenhado no horizonte do escrevente. A propriedade de interatividade é um aspecto inerente à própria língua (Marcuschi, 1999). Durante muito tempo foi um tema bastante explorado pela teoria da literatura. Porém, após a década de 80, a lingüística passou a perceber a língua enquanto atividade de uso, ou melhor, a língua como um meio que possibilita aos seus usuários interagirem socialmente, fato que antes era visto como algo descontextualizado e fora de qualquer possibilidade de uso.

Segundo Vilela e Koch (2001:412), cria-se uma “lingüística que se ocupa das manifestações lingüísticas produzidas pelos falantes em situações concretas, sob determinadas condições de produção (...) das mais diversas formas e com os mais diversos propósitos e resultados”. Esta ação compreende por parte do escrevente do texto um projeto do dizer e do lado do interlocutor uma participação ativa na construção do sentido, através da mobilização do contexto, a partir de pistas e sinalizações que o texto lhe dá. Esse é o princípio norteador do projeto “*Gramática e Interação na Cultura do Argumento*”, pois acredita-se que é justamente nesse momento de inter-ação que os

* Bolsista de Iniciação Científica no projeto “A interação na cultura do argumento”, financiado pelo PIBIC-CNPQ/UFPE, sob a orientação da professora Angela Paiva Dionísio, Departamento de Letras da UFPE. Trabalho premiado no X Conic – UFPE.

interactantes se utilizam de conhecimentos metacomunicativos¹ para se comunicarem textualmente. Como diz Marcuschi (1999: 02) , não há gramática sem discurso nem discurso sem gramática. Outro ponto revelador é o fato de que durante muito tempo, a interatividade entre os interactantes foi estudada como algo de uso exclusivo da fala. Atualmente, alguns estudiosos da linguagem, como os já citados, consideram este traço como um processo que também ocorre na escrita, podendo ser apresentado de modo mais ou menos explícito. Cabe ao escrevente escolher a maneira como irá estruturar o texto (gêneros), como irá dizer e a quem se destinará, salientando que nem todos os gêneros textuais apresentarão marcas de interatividade na mesma intensidade.

Esta pesquisa se propõe justamente a investigar as marcas gramaticais empregadas com funções interacionais na construção do argumento que sugerem uma relação implícita ou explícita do escrevente com o seu leitor. Foram selecionadas, para formar corpus, 11 *Cartas ao Leitor* de revistas de circulação nacional, como: *Placar, Veja, Isto é, Isto é Gente, Atrevida, Todateen, Cult, Época, Galileu, Capricho e Cláudia*; publicadas em dezembro de 2001 e em janeiro de 2002. Este estudo fundamenta-se em Marcuschi (1997, 1999, 2002), Barros (2002), Moura Neves (2000), Vilela e Koch (2001), Leibrunder (2000), entre outros teóricos.

1. Gênero e Discurso

Inicialmente, é necessário se fazer alguns esclarecimentos acerca do *domínio discursivo*, no dizer de Marcuschi (2002: 23-24), no qual a *carta ao leitor* está inserida. Segundo este autor, o domínio discursivo serve para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana, isto é, não são textos nem discurso, mas propiciam a origem de discursos bastante específicos. Daí, fala-se em discurso jornalístico, discurso religioso, discurso jurídico, etc., “constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhes são próprios”.

O gênero em estudo se insere no domínio do discurso jornalístico, que se define como um discurso de transmissão de informação, caracterizando-se, tradicionalmente, pela objetividade, clareza e concisão de linguagem. Ao jornalista cabe apenas noticiar a informação, de modo neutro, imparcial e impessoal, emprestando sua voz à notícia. De acordo com Leibrunder (2000), a linguagem jornalística usa alguns mecanismos lingüísticos que são responsáveis pelo caráter de distanciamento, tais como o uso do discurso relatado (categoria que exclui o discurso direto e indireto), da partícula *se* posteriormente aos verbos de 3ª pessoa do singular e da descritividade. Estes mecanismos de impessoalidade não dão conta de todas as possibilidades desses discursos. “O texto jornalístico somente desempenhará sua função informativa na medida em que for lido”. Nesta perspectiva tanto o assunto quanto a forma dependerá do público ao qual o texto se destina. Mesmo que jornais ou revistas empreguem formas lingüísticas opostas, cada um do seu modo, eles fazem uso de índices subjetivos que visam aproximar do que está sendo noticiado. “Discurso jornalístico estaria, portanto, localizado num *continuum* entre a tradição escrita e a oral, o registro formal e o

¹ Entendemos conhecimentos metacomunicativos como introduções, por parte do escrevente, “de sinais de articulação ou auxílios textuais, marcadores ou operadores discursivos, etc, com fins de orientar o interlocutor na construção do sentido intencionado, ou destruir conflitos ocorridos por meio de atividades metaformativas específicas, como repetições, parafraseamentos, entre outras.” (Vilela e Koch, 2001 :460-461).

informal, a objetividade e a subjetividade, o envolvimento e o distanciamento”. (Leibruder: 232-234).

“Os gêneros textuais são históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Resultado de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa.” (Marcuschi, 2002:21). Apesar de construídos em grupos não são entidades estanques e rígidas, dinâmicas e flexíveis. Originam-se de acordo com as necessidades sócio-culturais, e estão sempre se adaptando às inovações comunicativas socialmente existentes.

Historicamente, os gêneros, embora limitados, já existiam nos povos de cultura unicamente oral. Começam a se multiplicar após a invenção da escrita alfabética no século VII A.C. aproximadamente e a se expandir com o surgimento da imprensa no século XVIII. Atualmente, como comenta Marcuschi (2002), na era da *cultura eletrônica* (com o rádio, a TV, a internet), são incontáveis os novos gêneros que se formam tanto na modalidade escrita como na oral. Esses grandes suportes tecnológicos, por sua vez, têm uma presença marcante nas atividades comunicativas da realidade social favorecendo, desta maneira, a formação de novos gêneros bastante característicos, tais como: *edltoriais, cartas pessoais, artigos de fundo, bate-papos virtuais, vídeo conferências*, entre outros.

1.1. Carta ao leitor como gênero textual

Houaiss (2001) conceitua a carta como toda “mensagem manuscrita ou impressa, a uma pessoa ou uma organização, para comunicar- lhe algo. De um modo geral, a carta é um gênero discursivo que serve de comunicação entre autor x leitor, estabelecendo contatos e possibilitando a troca de experiências e conhecimentos entre eles” (Passos, 2002: 23-24). Segundo Silva (1997:121), “a carta é uma unidade funcional da língua, empregada em situações características e muito amplas não dando conta da diversidade de textos e de propósitos nela encontrados”.

As variedades originadas do gênero *carta*, para alguns autores, são caracterizadas como *sub-gêneros* (termo de Silva, 1997:121) ou *sub-variedades textuais* (designação proposta por Vilela e Koch:539). Porém, aborda-se-á, aqui, a teoria bakhtiniana seguida por Marcuschi (2002), que se refere à transmutação ou assimilação de gêneros, a *carta ao leitor* será vista como um gênero que se originou de um gênero maior, levando consigo características fundamentais que eram peculiares da fonte (carta), para que assim continuasse a se chamar carta; entretanto, apresentando aspectos novos e próprios para que houvesse a distinção. Fato que também fez surgir as outras denominações de carta, como: *carta eletrônica, carta de aviso, carta jurídica, carta comercial, carta testamentária, carta pessoal*, entre outras. Todas estas assimilações foram surgindo para se adaptarem a uma situação de uso, de acordo com os objetivos e papéis dos participantes.

Foi nesse sentido da carta como um gênero em função da língua, do uso, que se originaram as Cartas ao Leitor (ou como também são denominadas, *Cartas do Editor*). Tratam-se de cartas cujo intuito é *informar* sobre algum artigo apresentado na edição da revista, instigando o leitor a ler a mesma (Souto Maior, 2001). A linguagem, na maioria das vezes, se aproxima do registroo informal; Isto se verificou, principalmente nas revistas destinadas ao público jovem ou mais ligada ao entretenimento, como *Atrevida, Placar, Capricho, Cláudia, e Todateen*. Estas tratam o leitor com aproximação, estabelecendo traços de intimidade com o público, este será tido como um amigo, confidente, como por exemplo: “E temos cada amigo estranho... são turcos, japoneses,

costariquenhos, africanos, contando coisas que só você lê nestas páginas”. (Revista Placar).

Neste fragmento, percebem-se nítidos indícios de fala do escrevente para o seu público específico. A esse respeito comenta Passos (2002:25), a linguagem das cartas se apresenta como imitações da fala, inserindo copiosamente os “eu”, os “tu”, os “vocês”, os “nós”, os “Sr.” e os “Sra.”, as as interrogações ou as exclamações. Na verdade, a mimese à oralidade nas cartas serve para dar um efeito de diálogo face a face, “evitam-se em sua construção as insignificâncias e prolixidade, atribuindo-se dessa forma, firmeza e concisão ao estilo das mesmas”. No corpus analisado, todas essas formas de pessoas foram observadas nas revistas de entretenimento, ditas anteriormente; salvo, o uso de pronomes de tratamento (*Sr. e Sra.*) que dão um tom menos informal às cartas.

As cartas ao leitor não podem ser confundidas com o gênero *editorial*, pois, este apresenta, em geral, outras funções sócio-comunicativas. Segundo Melo (1985), o *editorial* é um gênero opinativo que, por sua vez, expressa a opinião oficial da empresa ou intuição jornalística diante dos fatos de maior repercussão no momento. Popularmente se diz que o *editorial* contém a opinião do dono ou proprietário do veículo de comunicação.²

Algumas revistas apresentaram traços de ambos os gêneros, abordando tanto aspectos das cartas ao Leitor (com mais subjetividade e uma suposta intimidade travada com o leitor), como dos editoriais (com mais precisão e objetividade nas informações); porém este ponto último não foi suficiente para se dizer que havia um gênero editorial em análise. As revistas *Veja*, *Época*, *isto é*, *isto é Gente* e *Cult* caracterizaram nas cartas de maneira precisa, ao modo dos editoriais, embora as tenham denominado de forma totalmente subjetiva, como pode se notar no quadro abaixo:

Revistas	Denominações	Assinadas	Não assinadas
Placar	Carta ao leitor	X	
Veja	Carta ao leitor		X
Isto é	Ufa!!!	X	
Isto é Gente	Bastidores	X	
Atrevida	Vou te contar	X	
Cult	Ao leitor	X	
Galileu	Caro leitor		X
Capricho	Diário	X	
Cláudia	Entre nós	X	
Todateen	Redação e você	X	
Época	Carta do editor	X	

² Vale ressaltar que na nossa sociedade capitalista, o editorial reflete não apenas a opinião do proprietário nominal, mas a opinião consensual dos grupos que compõem a organização, dentre eles: os acionistas majoritários, os financiadores que subsidiam a empresa, anunciantes que compram espaços publicitários, etc. Mas além desse traço político-social, o editorial como gênero jornalístico tem sua identidade redacional. Trata-se de um texto curto, absorvido em senso de oportunidade. De acordo com Beltrão (apud Melo, 1985), o editorial se constitui de quatro atributos específicos: a Impessoalidade (não se trata de matéria assinada, utilizando portanto a terceira pessoa do singular ou a primeira do plural); a topicalidade (trata de um tema bem delimitado, mesmo que ainda não tenha adquirido configuração pública); a condensalidade (poucas idéias, precisão, dando maior ênfase às afirmações que às demonstrações); a plasticidade (trata-se de valorar os fatos que estão acontecendo nas suas variações e desdobramentos, sendo flexível, maleável e não dogmático).

Como pode se perceber cada veículo de comunicação caracterizou a seção destinada ao leitor, a seu modo, de acordo com as suas intenções. Apenas as da *Veja* e *Galileu* não foram assinadas (individualmente), contudo se nomearam com traços de pessoalidade, dirigindo-se explicitamente ao seu público leitor, assim como as demais. Apesar dessas indefinições as enquadrei pertencentes ao gênero carta ao leitor, devido aos altos índices de pessoalidade e de subjetivismo verificados na análise de todas, sobretudo devido as suas próprias denominações que se autodirigem ao seus leitores.

2. Marcas indiciais de interatividade gramatical

Os indícios de interatividade apontados por Marcuschi (1999:03-04) “são constituídos por aquelas expressões ou formas lingüísticas que expressam explicitamente a inter-ação entre o escrevente e o seu leitor - ocorrendo de forma clara e inambígua naquele momento. Sua relação com a gramática se deve ao fato de estas expressões serem usuais na língua, ou seja, previstas e realizadas de acordo com o sistema lingüístico”. Foram verificados nas Cartas ao Leitor, de acordo com esta perspectiva, 4 (quatro) indícios de interatividade: indício de orientação diretiva para um interlocutor determinado (IODID), indícios de oferta de orientação e seletividade (IOOS), indícios de suposição de partilhamento ou de convite ao partilhamento (ISP), indício de premonição face a leitores definidos (IPFLD). Estas marcas interativas não se apresentaram de modo homogêneo no gênero em estudo, algumas se mostraram em todas, outras nem sequer apareceram. Fato que pode se observar a seguir:

Revistas	Denominações	IODID	IOOS	ISP	IPFLD
Placar	Carta ao leitor	X	X		
Veja	Carta ao leitor		X	X	
Isto é	Ufa!!!	X	X	X	X
Isto é Gente	Bastidores		X		
Atrevida	Vou te contar			X	
Cult	Ao leitor		X	X	
Galileu	Caro leitor	X	X	X	X
Capricho	Diário	X	X		X
Cláudia	Entre nós	X	X	X	X
Todateen	Redação e você	X	X		X
Época	Carta do editor	X	X	X	X

2.1. Indício de orientação diretiva para um interlocutor determinado

Este indício trata dos marcadores interacionais ou discursivos diretos que referenciam as relações imediatas do escrevente com o seu leitor. A estes tipos de discursos explícitos, Barros (2002) chama de *enunciação enunciada*, isto é, estratégias discursivas que se projetam em primeira (e segunda) pessoa, no tempo e no espaço do “agora” e do “aqui”, respectivamente. Geralmente, a enunciação enunciada produz efeitos de aproximação da enunciação e de relação dialógica entre os sujeitos, pois constroem traços de subjetividade. Ao longo desta análise, este indício se mostrou ser o mais produtivo, em relação aos outros indícios de interatividade, possivelmente, devido ao grau de subjetividade presente no gênero em estudo. Vejamos algumas marcas:

- (1) “*Estou escrevendo pra vocês no meu primeiro dia de trabalho depois de uma folguinha para a gente festejar o Natal e o Ano Novo (por falar*

nisso, ô aninho, hein ?). Olhando para a edição que a redação está preparando agora, *eu penso* o trabalhão que deu”. (Revista Capricho).

Nesta passagem, nota-se um diálogo próximo ao das cartas pessoais. Fato que produz, por excelência, efeitos de aproximação enunciativa, de relação dialógica ou reciprocidade entre os interlocutores e de extrema intimidade. Estes aspectos são visíveis, na exemplificação, na relação eu vs você, no uso de verbos em primeira pessoa do singular (*Estou, penso*) ou na mudança de pessoa enunciativa 1^a (*eu*) vs 3^a (*a gente*), ponto que, segundo Barros (p.30-31), enfraquece a igualdade entre os interlocutores, atenuando desta forma os efeitos de aproximação na enunciação, já que a interação aí se estabelece entre o escrevente (a diretora da redação) e o seu (s) suposto (s) leitores.

- (2) “O final de dezembro jogou o mundo em novas interrogações: *O que vai acontecer no Oriente Médio, onde a radicalização aumenta a cada dia ? E a Argentina? mergulhada* numa aventura de moratória, populismo e volta ao passado.” (Revista Isto é).

As interrogações indicam a utilização de *perguntas retóricas*, estruturas que visam interagir de modo mais eficaz com seu leitor, marcas que estabelecem o chamamento do leitor para o interior do argumento. Outra escolha metalingüística observada foi o uso de elementos didatizantes (expressões lingüísticas que visam aproximar o seu leitor dos assuntos tratados pelo texto, linguagem mais acessível) como a metáfora (mergulhada), que ocorre quando “há a transferência de um determinado termo para um campo semântico distinto daquele ao qual comumente é associado (Leibrunder, 2000: 215). Este termo metafórico é pertencente ao campo semântico marítimo que é abordado para descrever metaforicamente a situação de crise econômico-social da Argentina.

- (3) “Nos momentos mais assombrosos de nossa economia inflacionária, *nós, brasileiros*, medíamos o grau de desajuste do país pela troca freqüente de ministros da fazenda.” (Revista Veja).

Percebe-se o uso do *nós inclusivo* (eu, você, ele), que produz um efeito de sentido de identificação do escrevente e do seu leitor; além, é claro, dos traços de subjetividade e de aproximação, próprios da utilização da primeira pessoa. Estas pessoas se manifestam tanto no uso do *nós* (pronomes de primeira pessoa plural), na aparição do verbo *mediar* (na primeira pessoa do plural) e do *nossa* (pronomes possessivos). “Não há diálogos, não há reciprocidade de papéis, já que os papéis não se separam, não se distinguem, mas, ao contrário se confundem numa massa amorfa comum” (Barros, 2002:25). O efeito de ausência de interação é substituído pela identificação do escrevente e do leitor.

2.2. Índícios de oferta de orientação e seletividade

Estes indícios relacionam-se com a utilização dos dêiticos textuais, notas de rodapé, etc., estruturas que orientam a atenção dos leitores em relação ao conteúdo da mensagem (Marcuschi, 1999). A dêixis textual ou do discurso (DTs) assumirá um papel de extrema relevância nesta questão. As DTs servem para apontar, de maneira indicial, os elementos maiores ou menores do co-texto, com o objetivo de focalizar neles a atenção do leitor. De acordo com Koch (1997: 37), o procedimento dêitico fornecerá

apoios ao leitor no processamento discursivo constituindo-se como um instrumento para dirigir a focalização do ouvinte em direção a um item específico, que se estabelecerá “através de orientações ou indicações para cima para baixo, para frente para trás, ou ainda, estabelecendo uma ordenação entre segmentos textuais ou partes do texto.” Nesta perspectiva, o texto será visualizado como um espaço em que as coisas estão distribuídas e situadas de modo que o texto é ao mesmo tempo real e virtual, como pode se perceber no gênero em análise:

(4) “As fronteiras entre o que é oportuno e o que é oportunista são tênues. Por *isso*, é importante deixar claro que o dossiê sobre a cultura islâmica que publicamos *nesta* edição começou a ser concebido” (Revista Cult).

(5) “Eu preciso de cientistas. O apelo *acima*, reproduzido com alguns decibéis de desespero pelo diretor da recém-criada Agência de Segurança Interna dos Estados Unidos, Tom Ridge, parece promissor em todos os sentidos.” (Revista Galileu).

De acordo com Marcuschi (1997), o *isso* (exemplo 4) apontará dentro do espaço discursivo para um referente *retrospectivo* (direcionando o enunciado que veio antes ao leitor). Já o dêitico *nesta* estará indicando não apenas uma porção discursiva, mas todo o ambiente textual, no qual está inserido o gênero carta ao leitor. Esta construção dêitica dá um tom de apresentação ou de chamamento para o leitor ler a edição da revista. No caso 5, o dêitico *acima* será também retrospectivo, entretanto, produzirá um sentido muito mais indicativo, como o gesto de apontar com o dedo.

O texto também terá um *tempo* no discurso, seja ele o da ação do escrevente (codificação), ou do leitor (recepção), ou do conteúdo. Veja os exemplos:

(6) “Relembrar o passado (e mesmo as fases ruins) é muito bom, porque foi ele que nos trouxe, como somos, *até aqui*.” (Revista Cláudia).

Neste último caso, tem-se um fato interessante, segundo Moura Neves (2000), o tempo e o lugar se implicam de tal maneira que é fácil o trânsito de uma categoria para a outra. O dêitico de lugar (*aqui*) passará a indicar tempo no texto, com o auxílio da preposição circunstancializadora *até*, que mostra o momento atual do tempo de enunciação. A mostração dêitica não ocorre apenas com os pronomes, mas com diversas formas gramaticais, como neste caso a seguir:

(7) “Então *confira* a matéria de capa.” (Revista Todateen).

O uso do verbo no imperativo (*confira*) posiciona o enunciado de maneira nitidamente indicativa, direcionando explicitamente o leitor a ver a matéria da revista. Os verbos de *elocução*, segundo Moura Neves (2000), assumem esta característica de mostração própria dos dêiticos (de referência à situação).

2.3. Índícios de suposição de partilhamento ou de convite ao partilhamento

Segundo Vilela e Koch (2001) quando se escreve se escreve para um alguém com o qual se supõe conhecimentos específicos (linguísticos, enciclopédicos, ...). Nos indícios de suposição de partilhamento, o escrevente, supondo uma determinada ‘bagagem’ cognitiva do leitor, acaba deixando marcas linguísticas que evidenciam as

suas suposições, ou seja, elementos textuais que remetem ao conhecimento partilhado entre os interlocutores. São esses elementos os denunciadores da interação textual. Observemos alguns traços metalingüísticos que sugerem o partilhamento entre os interlocutores:

(8) “Por isso, é *importante deixar claro* que o dossiê sobre a cultura islâmica que publicamos nesta edição (...)”. (Revista Cult).

A expressão *é importante deixar claro* sugere ao enunciado que o escrevente não tenha sido claro para o leitor; fazendo-se necessário, portanto, uma maior explanação a cerca do assunto tratado. Este mecanismo serve para frisar a relevância de um dado acontecimento no discurso, pressupondo que ele também o tenha sido para o leitor.

(9) 1 “(...) aquelas cartas misteriosas contendo amostras do antras *arma invisível e até agora,*
2 *pouco conhecida, utilizada por um ou vários alucinados para amedrontar a opinião*
3 *pública norte americana. Para encurtar a história,* no fim de novembro (...)”. (Revista Galileu).

Nas linhas (1-2) em itálico, percebe-se a necessidade de explicitação de sentido de vocábulos, no caso da palavra *antras*. Segundo Leibrunder, os elementos usados para explicação de termos de pouco conhecimento do público leitor, caracterizam-se como o recurso da *definição*, isto é, a enunciação que parafraseia a acepção de uma palavra ou locução pela indicação de suas características genéricas e específicas (Houaiss, 2001). Esta definição se dá, na passagem, de modo conotativo com a utilização de metáforas que transfere um vocábulo de um campo semântico da biologia (*antras*) para o campo bélico (*arma invisível*). Por fim, o enunciado (*Para encurtar a história*), linha 3, indica no exemplo a pressuposição, por parte do escrevente, de que ele tenha se prolongado bastante nas explicitações e por isso esteja cansando o leitor.

(10) “Foi quando Ridge pediu o *apoio da cavalaria, digo*, dos cientistas americanos, para explicar o que estava acontecendo (...)” (Revista Galileu).

O uso da expressão coloquial o *apoio da cavalaria* indica no enunciado a quebra da formalidade embutida no estilo da revista Galileu e a utilização do verbo dizer (*digo*) na primeira pessoa do singular (no presente do indicativo) marca justamente a lembrança dessa informalidade, pressupondo uma não aceitação (ou estranhamento) do termo por parte do leitor. O verbo também sugere no enunciado o mesmo sentido das expressões metalingüísticas próprias de parafraseamentos, como: isto é, ou seja, ou melhor, etc..

(11) “*Deveria ser óbvio que* o jihád de poetas e ficcionistas muitas vezes colide com o jihád islâmico (o ensaio de Michel Sleiman sobre Bem Quzmán dissecar os labirintos dessa resistência literária individual), assim como *deveria ser óbvio que* o fundamentalismo religioso não se confunde com o fundamentalismo tout court..” (Revista Cult).

A utilização de verbos modalizadores, que indicam uma necessidade epistêmica (*deveria ser*), sugere o partilhamento de pressupostos ou conhecimentos (Marcuschi, 1999). De acordo com Moura Neves (2000), os verbos modalizadores são aqueles que se constroem com outros para modalizar o enunciado, especialmente para indicar modalidade epistêmica (termo relativo ao conhecimento). A expressão construída com esse modalizador (*deveria ser óbvio que*) indicia o partilhamento no enunciado, o escrevente coloca algo (conhecimento) que é óbvio para ele como se também o fosse para o leitor, pressupondo nele conhecimentos.

2.4. Indícios de premonição face a leitores definidos

Trata-se de um mecanismo dialógico com que o escrevente envolve o seu leitor explicitamente na construção do argumento. São variados seus modos de aparição, às vezes, constituem uma coordenada de formas lingüísticas que constrói um todo, contendo: (i) a proposta ou declaração de intenções de uma tese; (ii) defesa ou explicitação da proposição; (iii) antevisão de objeções (reconhecimento de alternativas); (iv) resposta às objeções (justificação de uma determinada posição) (Marcuschi, 1999: 07-08). Observemos agora algumas dessas marcas interativas, nos exemplos (12) e (13). Percebe-se uma espécie de *declaração* ou mesmo uma apresentação de intenções (informações acerca das reportagens da edição) do escrevente para o leitor, trazendo uma forte carga exclamativa aos enunciados:

(12) “*Esta edição está super especial* a começar pelo brinde que você ganha: um megapôster do Dado Dolabela.” (Revista TodaTeen).

(13) “*Esta edição está cheia de energia.*” (Revista Cláudia).

(14) “Enquanto boa parte da imprensa decidiu de uns anos para cá, adotar o silêncio diante dos seqüestros, *a opinião da Época* (e das Organizações Globo) *é que esse crime deve* ser noticiado com o destaque e os cuidados que merece.” (Revista Época).

No caso (14), observa-se à defesa de uma determinada postura assumida pela revista (um posicionamento político). Esta proposição será marcada pelo uso da predicativa (*é que esse crime*) com a perífrase verbal modalizadora (*deve ser*) que indicam uma necessidade epistêmica. Nota-se, dessa forma, a necessidade de uma explicação defensiva (esta é a nossa função estamos aqui para isso), por parte a revista, a seus leitores.

(15) “*Parece difícil negar* que visões diferentes sobre o papel da imprensa tenham contribuído para que se produzissem resultados diferentes no combate aos seqüestros”. (Revista Epoca).

O uso da expressão perifrástica (*parece difícil negar*) indica a *antecipação* do escrevente, que de certa forma supõe atitudes do seu público leitor (para aquele este também terá dificuldade em negar os resultados diversos em relação ao combate aos seqüestros).

2.5. Outros indícios interativos

Como já foi exposto, as marcas interativas podem se apresentar na escrita de modo mais ou menos explícito. Até o momento vimos, na pesquisa, alguns dos elementos mais expressivos de interação, observaremos agora mecanismo menos evidentes nos textos analisados. Estes recursos se caracterizam no universo textual como elementos didatizantes, expressões que dão um caráter subjetivo ao discurso. Eles podem ser encarados como marcas interativas implícitas, porque estão lá e o leitor não as percebe. O didatismo, como já foi dito, “visa orientar o leitor quando usa expressões de natureza indicial para o texto (...) uma objeção e um reforço (...); apontando conseqüências (...). No caso deste segmento temos uma atividade de auxílio ao leitor levando a perceber a qualidade de cada aspecto na informação” (Marcuschi, 1999: 06).

Tais mecanismos lingüísticos servem para tornar mais acessível o conteúdo da mensagem ao seu público, marcando uma determinada relação do escrevente com o leitor. Tomar-se-á a classificação proposta por Leibrunder (2000) para estes recursos metalingüísticos interativos, como a *exemplificação*, a *comparação* e a *metáfora*, e acrescentando-se a esta, *o uso de parênteses* como formas de se inserir a fala do escrevente para o seu público leitor.

a) *Exemplificação*

Consiste na concepção de que conceitos abstratos podem se tornar mais claros em situações concretas com o uso de exemplos. Este indício se apresenta freqüentemente com o emprego da partícula lingüística *por exemplo*:

(16) “O jeito, então, é prestar muita atenção nos nossos 31 adversários, descobrir seus pontos fracos, saber quem são as feras a temer. E é isso que a PLACAR está fazendo. Dois *exemplos?*(...) Outro *exemplo?* A seção que “Expresso do Oriente”, que revela tudo que está acontecendo pelo planeta da copa.” (Revista Placar).

Além da função de esclarecer, estas exemplificações aparecem de modo interrogativo travando explicitamente a interação com a revista destinada ao público esportivo.

b) *Comparação*

Sabendo que entre seres, idéias e coisas existem aspectos em comum, os autores passam a fazer comparações ou analogias, a fim de estabelecer aproximação de dois campos semânticos semelhantes, como pode se visualizar no exemplo:

(17) “A experiência recente da Argentina de *trocar de presidente como quem troca de camisa* mostra que se deixar guiar pelas arruaças e se intimidar pelas barricadas não é uma estratégia liberal nem progressista de uma sociedade.” (Revista Veja).

A comparação dos enunciados se dará pelo uso da conjunção comparativa (*como*), que se utiliza da existência de um ponto semelhante (*trocar*) aos dois elementos, visando tornar as orações claras ao leitor, ou apenas um efeito estilístico. O escrevente procura explicar um fato comparando um algo concreto ao cotidiano do seu interlocutor.

c) Metáforas

Distintamente do fenômeno da comparação, a metáfora, lembrando, se constitui na transferência de um determinado termo para um campo semântico distinto daquele que é geralmente relacionado. Observemos outros casos de metáfora:

(18)1“O calendário *promete* teremos eleições presidenciais e a copa do mundo. *Afinal, nada*
2 *como um pouco de circo quando escasseia o pão.* “(Revista Isto é).

A produção de inferências terá um papel relevante na construção do sentido da metáfora pretendido pelo escrevente na interação. Segundo Vilela e Koch (2001), a inferência consiste na compreensão por parte do leitor da retomada de elementos implícitos textualmente. Partindo dessas informações e considerando o respectivo contexto, este constrói uma nova representação semântica.

No exemplo a metáfora se estabelecerá em dois momentos: com o uso do verbo performativo (*promete*), o calendário em si não exerce a função nomeada pelo verbo prometer; mas, se a associarmos a um contexto metafórico, a utilização caberá perfeitamente. Na linha 2, a situação do país será metaforicamente relacionada ao provérbio: quando falta o essencial (*pão*) saúde, educação, segurança - fundamentos de uma sociedade; nada como a copa e as eleições (circo) para nos esquecermos da falta de tudo isso.

d) O uso de parênteses

Utiliza-se com o intuito de inserir comentários, indicações, explicitações sobre pontos do texto, travando nítidos diálogos com o leitor. Vejamos alguns casos:

(19) “(...) fizemos uma espécie de pesquisa sobre símbolos da paz (*pág. 29*)” (Revista Cláudia).

(20) “Um pacotão de testes diferentes uns para divertir (*gente vivo dizendo que teste é diversão, acima de tudo não é para levar tão a sério*) outros para testar seus conhecimentos” (Revista Capricho).

(21) “(*falando de modo rasteiro, é menos ruim viver sob ditadura do mercado do que sob o Cajado do Taleban...*), mas pode nos impedir de aderir a qualquer tipo de domatismo — inclusive aquele eu ignora a diversidade do Islã e legitima seu massacre.” (Revista Cult).

(22) “o cd especial que você recebe (*pelos mesmos R\$2,50 de sempre*) é uma boa prova das nossas boas intenções” (Revista Placar).

O uso dos parênteses, nas ocorrências, se assemelha aos apostos, tornando independentes do texto e funcionando como semânticos nitidamente interativos.

3. Observações finais

Observou-se, nas *Cartas ao Leitor* analisadas, que a apresentação das marcas de interatividades dependerá dos propósitos da revista e do público ao qual ela se destina. Nas revistas mais voltadas ao entretenimento, como *Todateen*, *Capricho*, *Atrevida*, *Placar* e *Cláudia* (salvo a *Isto é Gente*, que apesar de se enquadrar neste grupo, mostrou baixos índices de interatividade), perceberam-se altos índices de subjetividade e, sobretudo, nítidos diálogos que são pressupostamente elaborados pelo escrevente para informar acerca da edição e acentuar o vínculo de aproximação. Já nas revistas informativas, como *Isto é*, *Veja*, *Cult*, *Galileu* e *Época*, essas marcas também se evidenciaram, mas não de modo tão explícito como as anteriores.

Diante desta explanação sobre a interatividade na escrita, conclui-se que o dialogismo está presente em todas as modalidades da língua, escrita e oral, não se restringindo a apenas uma delas, como os atos de fala ou a teoria da conversação que analisam a língua falada. Faz-se necessário, portanto, mais pesquisas que se destinem a estudar tanto sobre o gênero carta ao leitor como sobre as marcas de interatividade na escrita, temas que até hoje são pouco explorados na nossa língua.

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Machado de (1989). *Dom casmurro*. São Paulo: Ática.
- BAKHTIN, Mikhail (1997). *A estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- BARROS, Diana Luz Pessoa (2002). A interação em anúncios publicitários. In: PRETI, Dino (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M de S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Editora Objetiva.
- KOCH, Ingedore (1997). *O texto e construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto. P.35-42.
- LEIBRUDER, Ana Paula (2000). *O discurso de divulgação científica*. In: BRANDÃO, Helena Neamine. *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez.
- MARCUSCHI, L. A. (1997). A dêixis discursiva como estratégia de monitoração discursiva. In: KOCH, Ingedore Villaça; BARROS, Kazue Saito Monteiro de (orgs.). *Tópicos em linguística de texto e análise da conversação*. Natal: UFRN. P.1 56-171.
- _____. (1999). *Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita*. Mimeo.
- _____. (2002). Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva et al. (orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna. p.19-36.
- MELO, José Marques de (1985). *A opinião no jornalismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes.
- MOURA NEVES, Maria Helena de (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP.
- OLIVEIRA ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de (2002). A revista veja: interação e ensaio. In: PRETI, Dino (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas.
- PASSOS, Cleide Maria Teixeira Veloso dos. (2002). *As cartas do leitor nas revistas nova escola e educação*. Dissertação de Mestrado, UFPE.
- SILVA, Vera L. Paredes P. (1997). Variações tipológicas no Gênero textual carta. In: KOCH, Ingedore Villaça; BARROS, Kazue Salto Monteiro de (orgs.). *Tópicos em linguística de texto e análise da conversação*. Natal: UFRN. P.1 18-124.
- SOUTO MAIOR, Ana Chistina (2001). *O Gênero Carta: variedade, uso e estrutura*.

Campina Grande: UFPB. Monografia de conclusão de curso da disciplina de Redação Científica 2000.2.

VILELA, M. & KOCH, I. V.(2001). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.

FONTES:

Revista Placar. São Paulo: Editora Abril, 25 janeiro de 2002.

Revista veja. São Paulo: Editora Abril, Edição 1733, ano 35, 09 de janeiro de 2002.

Revista Isto é Gente. São Paulo: Editora Três, ano III, nº 125, 24 de dezembro de 2001.

Revista Isto é. Rio de Janeiro: Editora três, nº 1683, 02 janeiro de 2002.

Revista Atrevida. São Paulo: Editora Abril, janeiro de 2002.

Revista Todateen. São Paulo: Editora Alto Astral, ano 7, nº 73, dezembro de 2001.

Revista Cult. São Paulo: Editora Lemos, ano V, dezembro de 2001.

Revista Época. São Paulo: Editora Globo, ano 04, nº 191, 14 janeiro de 2002.

Revista Galileu. São Paulo: Editora Globo, janeiro de 2002.

Revista Capricho. São Paulo: Editora Abril, Edição 879, 13 janeiro de 2002.

Revista Cláudia. São Paulo: Editora Abril, ano 40, nº 12, dezembro de 2001.